
**A ESTRATÉGIA INDIRECTA
E ALGUNS CENÁRIOS DE CONFRONTAÇÃO INDIRECTA**

J. Lopes Alves

A ESTRATÉGIA INDIRECTA E ALGUNS CENÁRIOS DE CONFRONTAÇÃO INDIRECTA (*)

1

Vivemos hoje, neste longo período de instabilidade a seguir à II Guerra Mundial que poderá constituir parte do intervalo para uma III Guerra, num ambiente global de Estratégia Indirecta. E vivemos hoje este tipo de Estratégia, como a vivemos antes, nos anos trinta, no princípio deste século, no século passado, sempre — porém, nestes nossos tempos ela é mais intensa, tornou-se dominante, de execução conhecida, quando naqueles outros períodos só em regra se detectava pelos efeitos que produzia.

Na realidade, até ao advento da II Guerra Mundial em 1939, as dimensões da Estratégia Indirecta ligavam-na apenas ao tratamento encoberto de conflitos localizados e à resolução de interesses menores ainda que à escala dos países, numa actuação sem grandes meios e desprovida de primores científicos.

Após aquele conflito, o alargamento verificado nos campos geopolítico e geoestratégico e o extraordinário desenvolvimento que a Técnica e a Organização trouxeram para a superfície do Globo, para as profundidades do Espaço e para os novos aspectos do comportamento dos homens e da convivência entre Nações e Estados deram a esta Estratégia um novo impulso e redobrada aceitação, transformando-a numa autêntica ciência e arte de estar no Mundo para apoiar e reforçar, convictamente personalizada nos grandes objectivos a atingir.

Neste quadro, tem interesse referir desde já o relacionamento da Estratégia e dos seus ramos com a Política.

A Estratégia e a Política, aquela dirigida ao fenómeno guerra em geral na sua organização, preparação, comando e execução, coexistem, vivem

(*) Exposição feita no Instituto da Defesa Nacional, ao CDN/83, em 15 de Dezembro de 1982.

a par nos Estados, completam-se, substituem-se, reforçam-se e até por vezes colidem. E a Estratégia Indirecta constitui hoje, pelo que dissemos, parte importante desta estrutura bipolar que congrega nos Estados todas as potencialidades, a ponto de poder afirmar-se que ela se destaca nesse relacionamento com a Política, devendo deixar-se de considerar apenas Estratégia e Política para, mais propriamente, se dever falar de Estratégia Directa ou Estratégia Indirecta e Política.

2

A *essência geral da Estratégia Indirecta* pode muito facilmente compreender-se no conceito seguinte: conjunto de conhecimentos e práticas por meio do qual se visa atingir um objectivo, de qualquer natureza, quando um obstáculo, também qualquer, impede a Estratégia Directa de o conseguir.

Mas, qual é efectivamente o *significado específico, clássico*, da Estratégia Indirecta?

Ao contrário da Estratégia Directa que se manifesta por acções conduzidas de forma clara, aberta, conhecida, de guerra dita «quente» e em que os meios de força militares, usando a violência temperada, desempenham a função principal, a Estratégia Indirecta manifesta-se por acções conduzidas de forma clandestina, na sombra, ainda que por vezes também violentas, não representando as acções militares o meio de decisão principal e verificando-se o seu emprego em conflitos localizados.

É uma Estratégia Geral na combinação que faz de acções de diferentes domínios e na complementaridade que pode representar em relação a outras Estratégias; é, além disso, uma Estratégia através da qual um partido qualquer, fraco, pode procurar impor a sua vontade a outro, mesmo mais forte, para realizar os seus objectivos.

No seu aspecto moderno, actual, como dissemos, ao seu comportamento clássico veio juntar-se um matizado de acções por vezes mais violentas e directas; aplica-se, é admitida por todo o Globo; os grandes objectivos, considerados inatingíveis de outra forma mais rápida e directa, comandam-na, sofisticam-na e fazem-na prevalecer.

Na verdade, os Estados e as Alianças enveredam frequentemente pela sua prática quando, face às suas finalidades fundamentais, reconhecem

impreparação material e psicológica internas para se realizarem, quando receiam a reacção violenta do seu adversário se tomarem uma iniciativa violenta ou quando verificam vantagem em explorar a existência de correntes, partidos ou grupos favoráveis no interior do território desse adversário, permitindo-se assim tal realização sem necessidade de recorrerem à acção declarada e aos seus efeitos, porventura mais devastadores.

Ela tem constituído, assim, o único produto possível de uma *dissuasão mútua* mais ou menos equilibrada que vem impedindo o recurso à Estratégia Directa, definindo também uma forma menos dispendiosa de conduzir as acções estratégicas de interesse, quaisquer que elas sejam. E será normalmente menos dispendiosa, mas com custos apreciáveis, dado que tais acções são nos nossos dias pensadas, organizadas e, por vezes, armadas, isto é, tem instalação nas modernas exigências do pensamento, das ideologias, da organização, da comunicação e dos meios de força.

Tem assento, também, no espírito e no ambiente de *desanuiamento* mais ou menos precário, na chamada «détente», que se verifica no globo.

Em síntese, acrescentaremos que, como a própria Estratégia Directa, a Estratégia Indirecta tem vindo a progredir nos seus âmbitos subjectivo e objectivo com o aumento dos meios de acção, quer em qualidade, quer em quantidade, e com o alargamento do empenhamento dos diversos sectores do Estado e das populações; tem vindo a progredir paralelamente ao empolamento dos anseios e dos objectivos da Política e das pátrias, é preparada cuidadosamente, treinam-se para a executar equipas e especialistas adequados, destinam-se-lhe avultados recursos financeiros e atribuem-se-lhe meios sofisticados...

A confusão de ideias e de práticas que hoje caracterizam o comportamento dos Estados e das Nações, a intolerância generalizada, a desvergonha e o desrespeito pelos princípios e regras que devem presidir às relações internacionais tornaram-na uma via fácil e generalizada e, portanto, temos de admitir, de significado por vezes nem sempre puro e claro.

3

Para além dos termos definidores utilizados, podemos embrenhar-nos agora um pouco mais na *caracterização* desta Estratégia pela apreciação conjunta do tipo, da preparação, da execução e da exploração das acções

que lhe podem ser atribuídas e lhe marcam fortemente a forma e o contexto. Utilizaremos para isso a sua projecção no quadro das características consideradas normais numa Estratégia de guerra armada e, portanto, especificamente violenta.

Vejamos:

A Estratégia Indirecta, também ela, apresenta *carácter absoluto*, o que significa que se desenvolve até aos limites extremos definidos e permitidos pela Política; tem *carácter real*, pois representa, de um lado, o empenhamento de meios para atingir uma finalidade e, do outro, a oposição que pode encontrar e com que tem de contar, até por vezes em áreas distintas daquela em que se incide; tem também *carácter humano* e *carácter social*, pois é uma forma clara de expressar relações humanas e influencia sem dúvida a existência social dos intervenientes interessados e dos que, mais ou menos afastados, lhe sofrem os efeitos.

Apresenta ainda, como se definiu, *carácter político*, pois é na estrutura da Política que se desenvolve; e tem de se lhe reconhecer também *carácter patriótico* dado que realiza uma estratégia e uma política reais de interesse para o Estado e para o respectivo país; exprime-se por *carácter frio*, como já vimos, procurando quase sempre na sombra os arranjos económicos e políticos, o trabalho de penetração e perfuração dos sistemas sociais vigentes para chegar ao objectivo pretendido; mas tem também *carácter «quente»* ou convencional pela violência que algumas vezes utiliza.

A sua influência possível na estruturação económica, nos prazos e no equilíbrio respeitantes ao conjunto socioeconómico marcam o seu *carácter económico-social*; e, mais ou menos limitada, tem em regra, localmente, *carácter total*, visto que actua sobre o povo e sobre as suas manifestações ligando-o ao seu aparecimento; e, globalmente, surge-nos com *carácter descontinuo*, com acções dispersas e diversificadas.

O General Beaufre, do Exército Francês, que vem aplicando algumas ideias inovadoras às modernas formas assumidas pelos conflitos, permite-nos completar esta caracterização.

Acompanhando, assim, aquele militar quando refere fazer «concorrer a *Força* para realizar os fins da Política», deve entender-se essa Força como o conjunto dos *meios de coacção* existentes ou disponíveis para impor a vontade a um antagonista; e, do lado desse antagonista, encontraremos os meios que se opõem, isto é, os *meios de anticoacção*, tornando-se deste

modo a Estratégia e, especificamente, a Estratégia Indirecta, a arte da coacção e da anticoacção.

«A coacção tem assim em vista, utilizando os meios adequados, levar um opositor a aceitar certas condições que não aceitaria normalmente sem o emprego de determinada Força; e a anticoacção consiste em ser-se capaz de rejeitar tais condições», em se dispor, afinal, nos Estados e nos países de possibilidades materiais e morais suficientes em que essa rejeição se possa apoiar.

Há nesta situação, portanto, o resultado dum empenhamento moral, dum processo psicológico que conduz a preferir ou rejeitar as condições fixadas, a moldar-se ou não à situação desfavorável criada.

Deste modo, a essência da Estratégia em geral e da Estratégia Indirecta em particular é de ordem psicológica, isto é, visa criar situações que levem à desintegração pessoal e material do adversário, visa destruir o seu moral e a sua vontade de agir.

Os domínios ou os sectores do Estado a que se dirige a Estratégia Indirecta na escolha e na materialização daquela Força serão, portanto, os mesmos da Estratégia Directa, ou sejam, o político (interno), o diplomático, o económico, o financeiro, o social, o ideológico e também o militar.

E, conseqüentemente, teremos ou poderemos ter, dependendo a escolha das áreas de esforço que o estudo de situação para fazer a Estratégia determinar, uma ou várias das seguintes *linhas de actuação indirecta* correspondentes àqueles domínios ou sectores de actividade:

- Acção ou coacção política;
- Acção ou coacção no campo diplomático ou da política externa;
- Acção ou coacção no campo económico;
- Acção ou coacção no campo financeiro;
- Acção ou coacção no campo social;
- Acção ou coacção no campo ideológico;
- Acção ou coacção no campo militar.

Esta última forma de acção só deve ser tomada verdadeiramente como pertencendo ao domínio da Estratégia Indirecta quando, pelas suas características, se concluir que expressa apenas carácter coactivo ou punitivo, de exemplo, localizado, isto é, quando quem a utiliza não demonstra

intenção de prosseguir e de se empenhar através dela em mais extensas e diversificadas dimensões. Será, no domínio das acções indirectas, apenas como que um espinho cravado num corpo, espinho que se faz sentir e que exige tratamento mas nada mais.

Constituem exemplo recente deste tipo de intervenção as incursões rápidas e violentas das forças armadas de Israel nos países limítrofes e, mais longe no espaço e no tempo, as acções de retaliação do Exército da República Popular da China nos territórios fronteiriços do Vietname.

4

A Estratégia Indirecta, admitimo-lo já, não é hoje «artesanal», não surge por acaso, por intuição ou reacção espontânea. Os já velhos princípios da guerra servem-lhe também de enquadramento, de moldura, são por ela respeitados — e, se não na totalidade, pelo menos em parte do seu conteúdo.

São esses princípios, presentes nos nossos regulamentos militares mas com campo de aplicação perfeitamente generalizada a todos os domínios, os seguintes:

- Objectivo,
- Simplicidade,
- Unidade de comando,
- Ofensiva,
- Manobra,
- Massa,
- Economia de forças,
- Surpresa,
- Segurança.

No topo de cada empresa a montar, seja qual for o domínio ou sector de actividade considerado, encontra-se sempre *um objectivo*. Portanto, também as acções da Estratégia Indirecta têm de dispor necessariamente de um ou mais *objectivos*, como parte ou não de um objectivo maior, escolhidos com certa flexibilidade para a eventualidade de a anticoacção estabelecida pelo país alvo o exigir; e devem essas acções ser servidas por

planos claros e precisos, com o pormenor que os escalões que as vão executar necessitem, mas sempre visando a *simplicidade* de meios e processos.

A *unidade de comando*, de chefia, ou de direcção exprime atitude de subordinação e de coesão, de unidade, de esforço à volta de um chefe e de um plano; e o princípio da *ofensiva* está patente na iniciativa que se toma, mas esta ofensiva deve ser compreendida na medida apenas necessária e nos condicionamentos restritos e encobertos da acção a desencadear — «só a ofensiva, também aqui, permite chegar à vitória».

O princípio da *manobra* liga-se ao deslocamento rápido e controlado, à escolha do sector e do ponto de aplicação da acção indirecta em que melhor se pode atingir o opositor; ela liga-se à necessidade de concentração, de realização do princípio da *massa* nesse ponto e no tempo adequado — mas em Estratégia Indirecta, não poucas vezes, este princípio terá de ser realizado por acções de infiltração parcelares até ao objectivo ou sector a atingir.

O princípio da *economia de forças* tem sempre de respeitar-se — utilizar só o que for adequado, em qualidade e quantidade. Mesmo não empenhando, regra geral, volumosos meios e efectivos, a Estratégia Indirecta tem de ser integrada sempre neste princípio, procurando ser apenas forte no ponto adequado. Evidentemente, no entanto, que isto representa um risco para quem realiza as acções.

O respeito do princípio da *segurança* é primordial, em especial quando não houver, como é normal, desejo de actuação aberta e, pelo contrário, utilização de processos escondidos em que mesmo a conquista do objectivo final pode não ser proclamada. A Estratégia Indirecta deve rodear-se de mecanismos de protecção e de segurança, de informações e de contra-informação que a tornem invulnerável ao conhecimento externo, quer na preparação e na organização das acções, quer na sua conduta.

5

Constata-se de tudo o que foi anteriormente afirmado que poderemos hoje montar e desenvolver, e teremos de admitir, uma teoria da Estratégia Indirecta perfeitamente paralela à da Estratégia Directa, com as mesmas incidências, princípios, leis, sistemas de planeamento e até de execução sem perder de vista a sua dimensão e as suas finalidades.

Na verdade, até os países menos evoluídos, os países que podemos designar, de um modo geral, subdesenvolvidos e «fracos», utilizam as suas acções. Mas, nestes, os meios de coacção não são em regra meios humanos em termos de qualidade e de cultura embora possam sê-lo em termos de quantidade. Tais meios de coacção são, em regra, de ordem material, como certas matérias-primas raras que se possuam, se mercanteiem e se regateiem — casos do cobre da Zâmbia, do zinco do Zaire ou do petróleo do México — uma posição geoestratégica importante definidora de bases de apoio a instalar e a explorar, carências mais gritantes das respectivas populações e as quais se torne indispensável satisfazer por questão de equilíbrio local, interno e externo, ou para servir manobra mais lata que seja visada.

Há que reiterar, portanto, o reconhecimento dos sentidos de *globalidade*, *de totalidade e de actualidade* que hoje detectamos na Estratégia Indirecta e que vão prosseguir.

A análise, embora limitada, que vamos fazer de alguns casos concretos em que é possível verificar incidência da mesma Estratégia ajudará a concretizar e a esclarecer melhor as afirmações anteriormente proferidas.

6

O nosso caso, o caso português, não pode deixar de ser apontado em primeiro lugar — vivemo-lo na carne, sentimos-lhe ainda hoje os efeitos.

Portugal constituiu, na verdade, a partir dos anos cinquenta e, mais concretamente, a seguir a 1960, objectivo destacado da Estratégia Indirecta dos movimentos de libertação do seu ex-Ultramar e na qual intervieram e cooperaram muitos países do Globo, mesmo alguns que conosco mantinham, e ainda mantém, mais estreitas relações e alianças. Fomos nesse longo período um enorme e complexo caso concreto de tal Estratégia que se alargou para além dos Territórios Africanos, onde as acções se foram intensificando, e se repercutiu em todos os pontos do Globo em que havia terras ou gentes cuja soberania então se reivindicava.

A guerrilha e a contraguerrilha que, como manifestações de violência, se viveram nos teatros de operações da Guiné, Angola e Moçambique arrastaram consequências que marcaram profundamente, como sabemos, a estrutura e a vivência da nossa Nação.

Por essa altura também e em outras regiões, outros países da Europa constituíram do mesmo modo objectivos visados e trabalhados pela Estratégia Indirecta no seguimento das práticas que os denominados «ventos da descolonização», surgidos com o termo da II Guerra Mundial, determinaram.

De tudo isto resultou, a nível global, uma nova estrutura do equilíbrio político e estratégico internacional, nalguns casos com o aparecimento de novos colonizadores, de novos imperialismos, cobertos com capas mais à moda da época que se vivia.

7

O segundo caso concreto, já histórico, vamos buscá-lo ao mestre da Estratégia Indirecta revelado, em especial, na transição dos anos vinte deste século — *Lenine* — o executor determinante das teorias Marxistas e das que, dando novo sentido à revolução projectada, ele próprio construiu e difundiu.

Pensando, como meio, na subversão, uma das modalidades de acção que se inscrevem, pelo menos nos seus períodos iniciais, naquela Estratégia, reformulou a geografia da revolução e a forma do seu desenvolvimento quando verificou que novos caminhos havia a trilhar para a fazer progredir.

O objectivo era, sabemos, a implantação do Marxismo, depois Marxismo-Leninismo, no Mundo, tomando como base a explosão do capital pela via das suas contradições internas. Essa explosão, tal como Marx havia previsto, deveria verificar-se nos países da Europa, os países capitalistas de então.

Mas, quer Marx, quer depois Lenine, cedo constatam que tal não se daria sem um impulso preparado e adequado, interno ou externo, e que a evolução natural do capitalismo da forma industrial à financeira e da concorrência individual ao monopólio e ao imperialismo iria transformar a luta de classes no plano de cada Estado na luta política, pela hegemonia, entre Estados. E esta evolução do capitalismo conduziria ao aparecimento duma frente mundial imperialista, originando um surto de contradições violentas e de falhas no seu interior que apressariam a sua ruína e onde a subversão e a revolução poderiam então facilmente penetrar.

Nesta rápida síntese da situação, eis, portanto, o âmbito real do *objectivo* e os aspectos influentes que se impunha observar para o conquistar.

Numa primeira intervenção, com o melhor sentido de Estratégia Indirecta, Lenine fornece a ideia para as *modalidades de acção* que tal situação parece necessitar.

Assim:

- Os alvos imediatos das ideias revolucionárias deverão ser os países de menor relevo capitalista e não já os países mais ricos;
- A revolução deve orientar-se para a Ásia, onde abundam aqueles países, e não para a Europa, isto é, deve ser transferida do Ocidente para o Oriente;
- Em conformidade, o caminho para a Europa — o objectivo inicial e final — passa por Xangai e Calcutá.

A execução destas modalidades irá decorrer nos anos a seguir através das acções adequadas, quer do domínio indirecto, quer também do domínio directo, numa explosão subversiva e revolucionária não já de base essencialmente económica mas de carácter político, económico e militar. E ela prossegue nos nossos dias de forma muito activa, tendo os acontecimentos verificados nas áreas em causa elevada influência na expressão da instabilidade, da dissuasão e do frágil desanuiamento que caracterizam o Mundo actual.

No domínio da *organização das próprias acções*, a intervenção leniniana aponta os seguintes aspectos de incidência indirecta que, sem perder de vista o objectivo último, manda respeitar:

- A criação e a utilização do partido em todos os Estados para, adequadamente orientado, auxiliar a promoção da subversão;
- A utilização dos intelectuais para reforçar e difundir o idealismo da revolução;
- O empenhamento nas Nações, além dos operários, também dos camponeses para uma função revolucionária mais alargada e mais activa.

E pode definir-se agora melhor o objectivo final do pensamento de Lenine: libertação de todos os povos pelo Marxismo, libertação por acção

de Nações-Piloto, por acções dos países pobres sobre os países ricos, por acção dos países do Oriente sobre os do Ocidente, em síntese, por uma revolta geral contra o Ocidente.

Paradigma da Estratégia Indirecta, ainda que na infância do seu período mais controverso, mais activo e de maior progresso, como é o actual, é no exemplo e nas conquistas deste caso concreto que Grupos, Estados e Blocos vão ainda hoje buscar inspiração, doutrinas e processos para a montagem da sua própria Estratégia.

8

O terceiro caso concreto que vamos apontar é multifacetado e tem carácter de generalidade e de globalidade: liga-se às *manifestações de Estratégia Indirecta* que é possível detectar no Mundo de hoje e à análise da influência que nelas exercem as duas superpotências — os Estados Unidos da América e a Rússia Soviética — dando-lhes origem, alimentando-as e procedendo à sua exploração na mira dos seus objectivos nacionais.

Antes, porém, vamos mergulhar um pouco mais nos conceitos teóricos e práticos que vimos admitindo.

Considerando as duas atitudes estratégicas fundamentais possíveis no exercício da Estratégia — *o ataque e a defesa* — verifica-se que a Estratégia Indirecta das alianças e das potências, estas grandes, supergrandes ou pequenas, se projecta sobre as populações no espaço e no tempo, visando uma ou as duas seguintes finalidades imediatas:

- *A de conquistar*, o que implica naturalmente para essa potência ou aliança um sentido de iniciativa, de ataque;
- *A de conservar*, servida por acções e formas de defesa, sem perder de vista que a melhor defesa é aquela que engloba também o espírito ofensivo e emprega aqui e além acções de ataque.

E, nesta ordem de ideias, o panorama que nos patenteiam hoje os países do Globo permite definir, ainda que de contornos nem sempre bem definidos, três escalões de Estados:

- O dos actuautes, ou seja, dos que se orientam na Estratégia Indirecta para a primeira finalidade;

- O dos que se defendem, orientando-se portando pela segunda;
- O dos que, pela sua dependência estrutural, certamente aqueles em maior número, sofrem os efeitos da actividade dos Estados anteriores.

Relativamente à Rússia Soviética deste findar do ano de oitenta e dois, já se aflorou ao falar de Lenine o que tem sido e, parece, continuará a ser a sua orientação política e estratégica no Mundo: realização política, económica, cultural e histórica da Nação Russa, como qualquer outro país do Oriente ou do Ocidente, e apoio declarado à implantação do socialismo de base Marxista-Leninista nos outros países do Globo.

Parece não oferecer dúvida que este comportamento, este duplo comportamento do Estado Russo escudado no seu imenso poderio militar, é amplamente orientado e em permanência para as duas finalidades anteriormente apontadas — *a de conquistar e a de conservar*.

Deve acrescentar-se que a acção estratégica da Rússia pode ela exercê-la toda inteira, por si própria, através de países amigos, como os que constituem o Pacto de Varsóvia, ou por intermédio de partidos afins de outros países, bastando-lhe nestes casos intervir apenas com a disponibilidade de meios materiais e de alguns especialistas.

Estas últimas formas de intervenção constituem, pode dizer-se, as mais indirectas de todas as acções indirectas.

Quanto aos Estados Unidos, o seu comportamento político e estratégico através dos anos, em especial a seguir à II Guerra Mundial, parece centrar-se todo ele em torno de um objectivo máximo que é a realização do país em todos os seus domínios, incluindo o da segurança. A finalidade dominante e única parece ser, assim, *a de conservar*.

Para esta realização, o país tem criado e lançado linhas de força para muitos pontos do Globo onde possa materializar tal conceito de conservação, elegendo na sua superfície, e já também no Espaço, um certo número de *áreas de importância* graduada a que em tempo oportuno, determinado pela Política, deu ou dará o tratamento adequado em pessoal e equipamento. No mínimo, estabeleceu já sobre muitos desses pontos vigiância permanente e tem incentivado o planeamento e a preparação aturada de meios em escolas e departamentos civis e militares com vista à anti-acção em todos os sectores affectados.

Este aspecto do seu objectivo principal não é menos valioso que os que dizem directamente respeito à realização interna do próprio Estado, reforçando-se e confundindo-se as acções correspondentes e os seus resultados.

Se, nesta óptica geral, de posse destes elementos, olharmos o conjunto dos países do Globo e os pólos de interesses entre eles estabelecidos, se apreciarmos os seus focos de instabilidade e se atendermos às conclusões possíveis das geopolíticas e das geoestratégias nacionais e mundiais poderemos eleger algumas áreas geográficas e sectores particulares de incidência da acção estratégica indirecta das duas superpotências.

É o que, em rápida síntese, vamos fazer:

- a) *A nível global*, em qualquer ponto, segundo as apreciações dos Estados Unidos e da NATO e com especial incidência nos países do Terceiro Mundo, a Rússia Soviética aproveita na realidade todas as situações de instabilidade para se impor, empenhando-se particularmente em provocar nesses países mudanças políticas adequadas. É-lhe fundamental, para isso, o prosseguimento da situação actual, que lhe tem sido favorável, continuando as relações comerciais com os Estados Unidos e com os outros países do Ocidente, mantendo o grau de desanuviamiento e o potencial relativo de combate a que chegou na Europa, mantendo o apoio ao seu desenvolvimento, evitando a confrontação directa e conseguindo que os Estados Unidos se não rearmem e empenhem com violência em qualquer ponto da Terra, o que originaria consequências gravosas directas e indirectas para a sua economia.

A política americana, em particular, tem-se preocupado em detectar áreas e pontos da incidência russa e aí exercer acção para a impedir, proclamando que tudo deve ser feito para evitar que a Rússia se utilize das relações comerciais e do apoio à sua economia para distrair os meios próprios para aumento do potencial militar.

A execução destas ideias tem implicado, naturalmente, por parte das duas superpotências, acções indirectas de todos os domínios, englobando a coacção e a anticoacção, a propaganda e a contrapropaganda e, também, acções directas, embora estas limitadas.

b) *A América Central*, a nível geográfico agora mais limitado, representa uma área típica de exploração indirecta de instabilidade.

De grande importância para a segurança do território americano, tanto a Norte como a Sul, é como tal merecedora de especial atenção por parte dos Estados Unidos, nela se verificando também acções indirectas do binómio Rússia-Cuba, quer de apoio aos movimentos subversivos ou revolucionários da Guatemala, São Salvador, Honduras e Nicarágua, quer de pressão sobre o Panamá para que consiga o mais depressa possível a posse efectiva do Canal deixando então de ser controlado pelos Estados Unidos tão importante local de passagem entre o Atlântico e o Pacífico na região média do Continente.

Os Estados Unidos, utilizando equipas especialmente preparadas para tais acções, intervieram inicialmente com medidas de apoio económico e de pressão diplomática em benefício das autoridades constituídas e, posteriormente, com medidas indirectas de apoio militar, destacando conselheiros e instrutores, fornecendo armamento e preparando quadros desses países nas suas escolas militares.

Recorde-se, a propósito, que no Vietname, na Ásia do Sudeste, cerca de 15 anos atrás, os Estados Unidos iniciaram do mesmo modo uma intervenção do âmbito da Estratégia Indirecta, de tipo análogo à que hoje realiza na América Central; e, de escalada em escalada, acabaram por ter de se empenhar em força numa Estratégia Directa de âmbito local que só terminou, e quase ingloriamente, com o fim da guerra em 1973.

Ao contrário, nesta mesma área estratégica, quer a China Popular, quer a Rússia Soviética, em especial esta última potência, jamais saíram dos apoios diplomático, ideológico, económico e militar reservados que se sabia existirem mas que jamais foram completamente declarados.

c) *A crise da Polónia*, em 1981 e 1982, originada pela ascensão do sindicato Solidariedade, tem dado origem a várias manifestações de Estratégia Indirecta, tornando-se claro que, quer a Rússia, quer

os Estados Unidos, mais não têm pretendido que contrabater-se localmente em proveito dos seus objectivos.

Foi e continua a ser mais um ponto de ebulição com o qual se pretende favorecer posições próprias da estratégia global contrariando as do opositor.

A constituição, primeiro, e a actividade, a seguir, daquele sindicato durante o ano de 1981, materializada no gradual crescimento das suas reivindicações que ameaçavam pôr em perigo a estrutura do mundo do Pacto de Varsóvia, foram desde início aclamadas e exploradas pelo Ocidente, não sendo de excluir a concessão de apoios de outra ordem à sua acção — foi nítido campo da sua Estratégia Indirecta.

Do mesmo modo, as sucessivas e proclamadas consultas entre governantes polacos e russos durante o período, a realização de manobras militares com volumosos efectivos junto à fronteira comum e, finalmente, a imposição em 13 de Dezembro de 1981 da «lei marcial» sobre o território polaco, clamorosamente censurada pelo Ocidente e por algumas nações do Terceiro Mundo, são medidas de coacção, também de acção indirecta, dos âmbitos político e militar.

A reacção ou anticoacção, como resposta, a seguir desenvolvida pelos Estados Unidos dirigiu-se, quer à Rússia, fundamentalmente, quer aos governantes polacos, abrangendo os domínios económico, financeiro e, naturalmente, político.

Constituíram-na as seguintes medidas:

- Suspensão da saída de navios dos Estados Unidos com produtos alimentares destinados ao governo polaco, sem a certeza da sua distribuição por agências independentes;
- Suspensão de créditos à exportação, de privilégios da aviação civil polaca em território americano e do direito de pesca por barcos polacos em águas americanas.

Relativamente à União Soviética, a anticoacção materializou-se:

- Na suspensão da concessão de licenças de exportação para equipamento destinado às indústrias de petróleo e de gás, de computadores e de artigos de alta tecnologia;

- No adiamento das negociações para o fornecimento de cereais;
- No encerramento do gabinete da comissão de compras russa nos Estados Unidos.

O governo americano ameaçou ainda tornar mais severas as restrições impostas se a Rússia continuasse a apoiar a acção repressiva do governo polaco e se este prosseguisse a mesma acção.

A suspensão do fornecimento de equipamento, como é conhecido, teve efeito também sobre os países europeus interessados em prosseguir a construção do gasoduto que deverá fornecer gás siberiano à Europa do Centro.

- d) Além das áreas citadas, verifica-se hoje ainda largo emprego de acções de confrontação indirecta entre as duas superpotências em áreas específicas como o *Médio Oriente*, o *golfo Pérsico* e as *Áfricas do Norte e Meridional*, com ou sem a intervenção de outros países, locais ou exteriores.

Mas, porque o Afeganistão ainda constitui um «ponto quente», vamos apenas interpretar em termos de Estratégia Indirecta a guerra que há cerca de dois anos aí se desenvolve e que tem constituído motivo de afirmações diversas e apaixonadas de políticos de vários quadrantes.

Situado no cinturão territorial de protecção da Rússia Soviética, o Afeganistão interessa particularmente a este país como elo da sua linha de defesa e como passagem ou base de partida para se lançar no exterior, mais concretamente para o golfo Pérsico e para o oceano Índico.

Na guerra que ali trava é possível descortinar duas estratégias em apreciação global:

- Uma Directa, de pequeno âmbito, se considerarmos apenas o binómio Afeganistão-Rússia;
- Outra Indirecta, quando tomamos em conta aqueles dois aspectos do interesse global da Rússia Soviética e a acção de potências exteriores com outros interesses, mais próximas

ou mais afastadas, como os Estados Unidos, a China Popular e o Paquistão.

Em termos puramente locais, assiste-se ao apoio pela Rússia Soviética da facção instalada no Poder, por diversas formas, uma directa, violenta, e outras certamente com cabimento na Estratégia Indirecta.

Pode afirmar-se, a propósito, que, quando o governo do Afeganistão, legal ou ilegalmente constituído, clamou pela intervenção da Rússia e pediu o seu apoio tudo se teria passado em silêncio, encobertamente, se a anti-acção indirecta conjunta, de alarme, conduzida por terceiros países, não tivesse revelado a situação decorrente, que exploraram a seguir no âmbito dos seus objectivos.

9

Ainda um último caso concreto, entre muitos, com carácter específico mas não desinserido do âmbito global anterior: o definido pelo *relacionamento hostil entre Israel e os Países Arabes*.

Constitui objectivo nacional, concreto, do *Estado de Israel*, a sua sobrevivência como Nação independente; mas do lado do seu opositor, do *Mundo Árabe*, o objectivo predominante é o de impedir essa sobrevivência ou, no mínimo, conseguir que ela se verifique adentro dos condicionamentos que imagina.

Tem-se verificado e existem neste momento acções de guerra aberta, violenta e, portanto, do domínio da Estratégia Directa. Mas, apoiando estas acções ou como actividades independentes servindo os mesmos objectivos opostos, quantas acções do âmbito da *Estratégia Indirecta* se têm também produzido?

São notórias neste caso as acções do domínio diplomático, do domínio da segurança, dos domínios económico e financeiro, do âmbito ideológico e de propaganda e também, por meio de golpes de mão, incursões, tomada ou libertação de reféns, sabotagens, ataques à bomba e terrorismo, do domínio militar limitado.

Senhores Auditores do Curso de Defesa Nacional:

Com as considerações iniciais, ao mesmo tempo teóricas e exemplificadas, que produzi e com os casos concretos que acabo de lhes apresentar numa extensão real e dinâmica das mesmas considerações, procurei, à minha maneira, falar-lhes da Estratégia Indirecta, domínio com o qual, como puderam confirmar, já estavam amplamente familiarizados.

Creio, no entanto, que esta curta exposição lhes terá proporcionado uma visão útil e mais clara do fenómeno que tal Estratégia encerra e permitir uma melhor interpretação dos acontecimentos de acção indirecta que polvilham os nossos dias e caracterizam o comportamento, em muitos sectores e domínios, de Estados, Comunidades, Alianças e Blocos desta actualidade.

Antes de terminar, porém, desejava ainda salientar que, no conjunto das acções e meios que a possam constituir ou de que pode lançar mão, a Estratégia Indirecta encontra sempre excelente e rendoso domínio de exploração e de imposição em todos os *órgãos de comunicação social*, quer de cada Estado, quer internacionais, sendo-lhe estes mesmo indispensáveis para muitas modalidades de actuação.

E, como remate, esta repetição final: a Estratégia Indirecta existiu diminuta e limitada até à II Guerra Mundial.

Após este conflito, os formidáveis Poderes surgidos e a afirmação dos seus objectivos globais e opostos verificaram na dissuasão a inviabilidade de os realizarem pelo desrespeito das normas que regulam as relações de convivência pacífica entre os Estados.

E, assim, a esta Estratégia Directa não possível sucedeu uma Estratégia Indirecta alargada, global, sofisticada, conhecida, mas geralmente não declarada — e que permanece.

15 de Dezembro de 1982.

J. Lopes Alves
General